

# Ocupantes resistem pouco, mas reclamam de retirada

Apesar de algumas tentativas de permanência nos becos de Ceilândia, militares e seus parentes acataram a maioria das ordens oficiais e não deram trabalho excessivo às equipes de remoção. No entanto, em pelo menos três ocasiões, eles e seus vizinhos se irritaram com as equipes. Reclamaram, especialmente, de falta de organização.

“Estava cochilando e fui acordada por este monte de gente na minha porta. Parece que estão derrubando o mundo, mas o PM está saindo numa boa”, comentava a vizinha de frente a um beco invadido na QNM 8. “Para que esse tanto de policial e de gente? Só para incomodar a vizinhança. Nem todos estão trabalhando”, completou irritada, olhando para os policiais que faziam o apoio da remoção.

O próprio comandante da

operação, coronel Francisco Maynarde, considerou excessivo o número de pessoas que trabalhavam, inicialmente, na operação. Logo no início da manhã, ele resolveu trabalhar com 630 homens, em vez dos 730 planejados. “Não será necessário tanta gente. Se precisar, pedimos reforço”, explicou. “Amanhã ou ao longo do dia podemos usar uma equipe ainda menor.”

No começo da tarde, uma trapalhada dos responsáveis pela derrubada do lote 14-A na QNM 24. Durante a destruição de um dos muros da invasão, parte do concreto cedeu em cima do telhado da casa vizinha. A queda do material quebrou parte das telhas da casa do marceneiro Baroni José da Costa, 69 anos. “É prejuízo. Não dá para ficar assim”, reclamou o dono da residência. Dois fiscais do Siv-Solo avaliaram

os danos e prometeram fazer um relatório para ressarcir os danos.

Na QNM 8, conjunto G, a mulher de um PM, identificada apenas como Lourdes, prometia registrar ocorrência de furto na delegacia mais próxima. “Como é que pode? Esse tanto de policial ao redor da minha casa, olhando a minha saída, e ninguém viu que meu tanque foi roubado”, reclamava ela, de posse das notas fiscais que atestavam a compra do utensílio. Trinta minutos depois, o tanque foi localizado no terreno do vizinho por um dos homens que demoliam a casa de Lourdes. “Ele entrou aqui, pegou na cara de pau e ninguém viu”, comentou a mulher.

O episódio mais inusitado foi



**TRAPALHADA: MURO DERRUBADO POR TRATOR ATINGIU TELHADO DA CASA VIZINHA**

a prisão de um rapaz numa das esquinas da QNM 8. O som das bombinhas que ele disparava na quadra, no momento da operação, foi diversas vezes confundido com o barulho de tiros. Foi flagrado por um grupo de PMs que apoiavam a remoção. Sob o protesto da comunidade,

especialmente de jovens que acompanhavam tudo, o rapaz não identificado foi preso por tumultuar a operação. “Foi levado para a delegacia. Mas já deve ter sido solto. A prisão foi só para terminar com o tumulto”, comentou o coronel Francisco Maynarde.